

MARÍA DUEÑAS

RECOMEÇAR

Tradução de Carlos Romão

# Capítulo 1

Às vezes, a vida cai-nos aos pés com o peso e o frio de uma bola de chumbo.

Foi o que senti ao abrir a porta do gabinete. Tão próximo, tão quente, tão meu. Antes.

E, no entanto, à primeira vista não havia motivo para a inquietação. Permanecia tudo como o tinha deixado. As estantes cheias de livros, o painel de cortiça repleto de horários e avisos. Pastas, arquivos, cartazes de velhas exposições, envelopes em meu nome. O calendário congelado dois meses atrás: julho de 1999. Mantinha-se tudo intacto naquele espaço que, durante 14 anos, fora o meu refúgio, o reduto que todos os anos acolhia chusmas de estudantes perdidos em dúvidas, reclamações ou anseios. Tudo em ordem, definitivamente, tal como sempre. A única coisa que tinha mudado era as vigas que me sustentavam. De cima a baixo, por inteiro.

Passaram dois ou três minutos desde a minha chegada. Talvez fossem dez, talvez nem sequer chegasse a um. Em qualquer caso, passou o tempo necessário para tomar uma decisão. O primeiro movimento consistiu em marcar um número de telefone. Obtive apenas como resposta a gentileza fria de uma caixa de mensagens. Hesitei entre desligar ou não; ganhou a segunda possibilidade.

– Rosalia, fala Blanca Perea. Tenho de me ir embora daqui, preciso da tua ajuda. Não sei para onde, tanto me faz. Para um sítio onde não conheça ninguém e onde ninguém me conheça. Sei que é um momento péssimo, com o ano prestes a começar, mas liga-me quando puderes, por favor.

Senti-me melhor depois de deixar aquela mensagem, como se me tivesse soltado da mordidela de um cão a meio de um denso pesadelo. Sabia que podia confiar em Rosalia Martín, na sua compreensão, na sua vontade. Conhecíamos-nos desde que ambas começámos a dar os primeiros passos na universidade, era eu ainda uma jovem professora com um periclitante contrato provisório e ela a responsável por alimentar um recém-engendrado serviço de Relações Internacionais. Talvez a palavra «amigas» fosse demasiado abrangente; é possível que a sua consistência se tivesse diluído com o passar dos anos, mas conhecia o temperamento de Rosalia e, por isso, estava certa de que o meu grito não iria cair no fundo de um saco cheio de esquecimentos.

Só depois do telefonema, consegui reunir as forças necessárias para fazer frente às obrigações do setembro que acabava de começar. O correio eletrónico abriu com uma pressa transbordante diante dos meus olhos e mergulhei durante um bom bocado na sua corrente, à medida que respondia a algumas mensagens e apagava outras por atrasadas ou sem interesse. Até que o telefone me interrompeu e atendi com um sucinto *estou*.

– Mas o que se passa contigo, sua doida? Para onde queres tu ir numa altura destas? E a que raio se deve esta pressa toda?

A sua voz arrebatada devolveu-me num ápice a memória de tantos momentos vividos anos atrás. Horas intermináveis diante do preto e branco do ecrã de um computador pré-histórico. Visitas partilhadas a universidades estrangeiras em busca de intercâmbios e convénios, quartos duplos em hotéis sem memória, madrugadas de espera em aeroportos vazios. O tempo separara os nossos caminhos e talvez o músculo da proximidade tivesse perdido o vigor. Mas restava a marca, os resíduos de uma velha cumplicidade. Por isso, narrei-lhe tudo sem reservas. Com uma sinceridade áspera, omitindo valorizações. Sem lamentos nem adjetivos. Sem rede.

Em poucos minutos soube o que tinha de saber. Que Alberto saíra de casa. Que a suposta solidez do meu casamento fora pelos ares nos primeiros dias do verão, que os meus filhos já tinham saído do ninho, que passara os últimos meses tentando adaptar-me desajeitadamente à minha nova realidade e que, ao enfrentar o novo ano

letivo, me faltava energia para me manter à tona no mesmo cenário de todos os anos: para me agarrar uma vez mais às rotinas e responsabilidades como se a minha vida não tivesse sofrido um golpe tão limpo e certo como o da carne atravessada pela aresta de um vidro.

Com os noventa quilogramas de pragmatismo que moldavam o volume do seu corpo, Rosalia absorveu de imediato a situação e compreendeu que a última coisa de que eu precisava era de remédios complacentes ou conselhos açucarados. Não entrou, por isso, em pormenores nem me ofereceu o seu ombro macio como consolo. Só me apresentou uma previsão que, como eu calculava, no princípio roçou a crueldade.

– Pois, receio que não vamos ter as coisas muito fáceis, querida. – Falou no plural, assumindo de imediato o assunto como coisa própria de ambas. – Os prazos para coisas interessantes estão há meses fechados – acrescentou – e ainda faltam uns meses para as próximas candidaturas a bolsas importantes. De qualquer forma, dá-me algum tempo, pois ainda há pouco começámos e ainda não sei se nas últimas semanas entrou algo novo, por vezes chegam coisas soltas ou imprevistas. Deixa-me ver se até à última hora dou com qualquer coisa e, então, digo-te.

Passei o resto da manhã deambulando pela universidade. Assinei papéis pendentes, devolvi livros à biblioteca, depois tomei um café. No entanto, nada me absorveu o suficiente para me obrigar a permanecer tranquila à espera da chamada. Não tive sossego, faltou-me a coragem. Às duas menos um quarto, bati com os nós dos dedos na porta do gabinete dela. Lá dentro, anafada sem complexos e com o cabelo pintado de violeta, trabalhava Rosalia.

– Ia ligar-te neste instante – anunciou, sem sequer me dar tempo a cumprimentá-la. Apontou então para o monitor com o indicador direito como um míssil e esmiuçou as notícias que me reservara. – Repesquei três coisas que chegaram ao longo das férias e que não estão mal de todo. Mais do que esperava, para quê mentir-te? Três instituições e três atividades diferentes. Lituânia, Portugal e Estados Unidos. Califórnia, mais concretamente. Nenhuma delas é um achado, atenção, todas prometem fazer-te dar o litro e pouco vão ao

encontro do teu currículo, mas é melhor que nada, não achas? Por onde queres que comece?

Encolhi os ombros, enquanto apertava os lábios, contendo o que talvez chegasse a ser um pequeno sorriso: o primeiro vislumbre de esperança em muito tempo. Entretanto, ela ajustou os óculos de armação verde-menta, desviou de novo os olhos para o computador e explorou o seu conteúdo.

– Lituânia, por exemplo. Procuram especialistas em Pedagogia Linguística para um novo programa de formação docente. Dois meses. Têm um subsídio da União Europeia e exigem-lhes um grupo internacional. E isto é a tua área, não é?

Efetivamente, era essa a minha área de trabalho. Linguística Aplicada, Didática de Línguas, Desenho Curricular. Passara duas décadas da minha vida a percorrer aqueles trilhos. Mas, antes de succumbir ao primeiro canto de sereia, preferi indagar um pouco mais.

– E Portugal?

– Universidade do Espírito Santo, em Sintra, moderna, muita massa. Abriram um mestrado em Ensino do Espanhol como segunda língua e procuram especialistas em Metodologia. O prazo termina na sexta-feira, ou seja, já. Um módulo intensivo de doze semanas com horas de aulas até mais não. Não pagam mal, pelo que imagino que haja candidaturas aos montes. Mas os teus muitos anos de labuta favorecem-te e nós temos ótimas relações com a Espírito Santo, pelo que não será muito difícil consegui-lo.

Aquela oferta parecia infinitamente mais tentadora do que a da Lituânia. Sintra, com as suas matas e palácios, tão perto de Lisboa, tão perto de casa também. A voz de Rosalia arrancou-me do sonho.

– E, por último, a Califórnia – continuou sem tirar os olhos do monitor. – Vejo esta possibilidade mais por alto, mas podemos olhar para ela, por via das dúvidas. Universidade de Santa Cecília, no norte, perto de São Francisco. De momento, a informação que temos é muito pouca: a proposta acaba de dar entrada e ainda não tive oportunidade de pedir mais dados. À primeira vista, trata-se de uma bolsa financiada por uma fundação privada, ainda que o trabalho se vá realizar na própria universidade. Não oferecem um subsídio de deitar foguetes, mas conseguirias sobreviver.

– Em que consiste, basicamente?

– Em qualquer coisa que tem que ver com uma compilação e classificação de documentos. E procuram alguém de nacionalidade espanhola com o grau de doutor em qualquer área das Humanidades. – Tirou então os óculos e comentou: – Supõe-se que este tipo de bolsas seja destinado a gente com menos nível profissional que tu, por isso, estarias mais que habilitada no momento de escalonarem os candidatos. E a Califórnia, menina, é uma verdadeira tentação, pelo que, se quiseres, posso informar-me um pouco mais.

– Sintra – insisti, recusando a nova oferta. Doze semanas. Talvez o bastante para que as minha feridas deixassem de arder. Suficientemente longe para me desvincular da realidade mais imediata, suficientemente perto para voltar com frequência se a situação desse três saltos mortais e tudo regressasse ao lugar de uma vez por todas. – Sintra, sem hesitar – rematei perentoriamente.

Meia hora mais tarde, saí do gabinete de Rosalia com a candidatura eletrónica enviada. Levava também milhares de pormenores na cabeça, um punhado de papéis na mão e a sensação de que talvez a sorte, muito, muito de soslaio, tivesse decidido pôr-se, finalmente, do meu lado.

O resto do dia decorreu numa espécie de limbo. Comi uma sanduíche vegetariana, sem fome, na cafetaria da faculdade, continuei a trabalhar durante a tarde meio desconcentrada e, às sete, assisti com pouca vontade à apresentação do novo livro de um colega do departamento de Pré-História. Tentei escapar-me quando terminou o ato mas, sem forças para me negar, alguns colegas arrastaram-me com eles à procura de uma cerveja fresca. Eram já cerca das dez quando cheguei a casa. Antes sequer de acender a luz, ainda na penumbra, vi o atendedor de chamadas a piscar insistentemente num canto da sala de estar. Lembrei-me então que desligara o telemóvel ao começar a apresentação e esquecera-me de o ligar no fim.

A primeira mensagem era de Pablo, o meu filho mais novo. Encantadora, incoerente e difusa, com música estrondosa e risos como fundo, deu-me trabalho entender as suas palavras atropeladas.

– Mãe, sou eu, onde te meteste... liguei-te para o telemóvel um monte de vezes para te dizer... para te dizer que... também não vou

para aí esta semana, que fico na praia e que se... que se... bom, que então continuo a ligar para ti, certo?

*Pablo*, murmurei, enquanto procurava a sua cara nas prateleiras da estante. Ali estava, fotografado dezenas de vezes. Às vezes sozinho e quase sempre com o irmão, tão parecidos os dois. Os sorrisos eternos, a franja preta metida nos olhos. Sequências alvoroçadas dos seus vinte e dois e vinte e três anos. Índios, piratas e Flinstones em récitas da escola, sopros de bolos com velas cada vez mais numerosas. Acampamentos de verão, cenas natalícias. Retalhos impressos em papel Kodak, recortes da memória de uma família compacta que já deixara de existir como tal.

Com o meu filho Pablo ainda a dançar-me na mente, carreguei de novo na tecla do atendedor para ouvir a mensagem seguinte.

– Eeeeh... Blanca, fala o Alberto. Não atendes o telemóvel, não sei se estás em casa. Eeeeh... liguei-te porque tenho de... mmm... para te dizer que... eeeeh... Bom, é melhor contar-te depois, quando te localizar. Ligo-te mais tarde. Adeus, até logo, adeus.

A voz tão desajeitada do meu marido inquietou-me. Perdão, do meu ex-marido. Não fazia ideia do que me queria dizer, mas o seu tom antevia notícias pouco gratas. O meu primeiro impulso foi, como sempre, pensar que se tinha passado qualquer coisa com algum dos meus filhos. Pela mensagem prévia sabia que Pablo estava bem; tirei, então, apressadamente o telemóvel da mala, liguei-o e telefonei a David.

– Estás bem? – inquiri, impaciente, assim que ouvi a sua voz.

– Sim, claro que estou bem. E tu, como estás?

Parecia tenso. Talvez fosse apenas uma falsa perceção por causa da distância. Talvez não.

– Eu, bom, mais ou menos... O que se passa é que o pai ligou-me e...

– Já sei – interrompeu. – Também acaba de me ligar. Como aceitei aquilo?

– Como aceitei o quê?

– Aquilo da criança.

– Que criança?

– A que vai ter com a Eva.

Sem pensar, sem perceber, sem ver. Com a mesma sensibilidade de um mausoléu de mármore ou o lancil de um passeio, assim permaneci pendurada no vazio durante um tempo cuja extensão me foi impossível medir. Quando fiquei outra vez consciente da realidade, voltei a ouvir a voz de David gritando do telefone caído no meu regaço.

– Continuo aqui – respondi, por fim. E sem lhe dar tempo para mais perguntas, concluí a conversa. – Está tudo bem, ligo-te depois.

Fiquei imóvel no sofá, contemplando o nada, enquanto tentava digerir a notícia de que o meu marido ia ter um filho com a mulher por quem me deixara apenas dois meses atrás. O terceiro filho de Alberto: esse terceiro filho que nunca quis ter comigo apesar da minha longa insistência. O filho que nasceria de um ventre que não era o meu e numa casa que não era a nossa.

Senti que a angústia incontida me subia do estômago, anunciando golfadas de náusea e desolação. Com passos apressados, cambaleando e chocando com as paredes e os gonzos das portas, consegui, a muito custo, chegar à casa de banho. Precipitei-me sobre a sanita e, de joelhos no chão, vomitei.

Mantive-me assim durante um tempo infinito, com a testa apoiada à frieza dos azulejos da parede, enquanto tentava encontrar alguma coerência no meio da confusão. Quando consegui levantar-me, lavei as mãos. Lenta, minuciosamente, deixando a água e a espuma escorrerem entre os dedos. Lavei logo os dentes, com consciência, dando tempo a que o cérebro trabalhasse paralelamente, sem pressas. Voltei por fim à sala de estar. Com a boca e as mãos limpas, o estômago vazio, a mente em ordem e o coração seco. Procurei o telemóvel, encontrei-o caído sobre a carpete. Procurei um número, mas ninguém respondeu. Uma vez mais, deixei a mensagem no atendedor.

– Fala a Blanca outra vez. Mudança de planos. Tenho de ir para mais longe, por mais tempo, imediatamente. Averigua o que pudes sobre a bolsa da Califórnia, por favor.

Nove dias depois, aterrava no aeroporto de São Francisco.